

LOCOMOÇÃO INDEPENDENTE DE ALUNOS CEGOS NOS ANOS INICIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Loiane Maria Zengo Orbolato; Eduardo José Manzini
lozengo@hotmail.com

Departamento de Educação e Desenvolvimento Humano, Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp, Campus de Marília

Introdução

Dentre os principais aspectos a serem considerados para a conquista de uma locomoção que seja de fato orientada, natural, segura, autônoma e, conseqüentemente, independente de alunos cegos nos ambientes escolares, está o uso correto das técnicas de Orientação e Mobilidade (ORBOLATO, 2018).

As técnicas de Orientação e Mobilidade podem ser caracterizadas como estratégias de locomoção próprias para o deslocamento de pessoas cegas e possuem como foco principal o oferecimento de um deslocamento que seja seguro e orientado tanto em ambientes internos quanto externos (FELIPPE; FELIPPE, 1997; GARCIA, 2003; GIACOMINI; SARTORETO; BERSCH, 2010; MACIEL, 2003; MELO; 1991; NOVI; 1996; ORBOLATO, 2018).

Dentre os grupos de técnicas mais utilizadas nacionalmente estão as técnicas de autoajuda, que são caracterizadas pela ausência do uso de recursos para o deslocamento. Para a realização destas técnicas, membros superiores e inferiores atuam como responsáveis pela proteção da face, tórax, abdômen e área genital e, por isso, recomenda-se que seu ensino, uso e treinamento sejam realizados em ambientes internos e familiares à pessoa (FELIPPE, 2001; FELIPPE; FELIPPE, 1997; GARCIA, 2003; GIACOMINI; SARTORETO; BERSCH, 2010).

O segundo grupo é o de técnicas com o guia vidente. Essas técnicas são caracterizadas pelo auxílio de uma pessoa que não possui restrições visuais na locomoção de pessoas cegas. Para realização destas técnicas tanto o guia quanto a pessoa cega devem saber quais são seus reais papéis na locomoção.

O guia deve conhecer a forma correta de oferecer as informações – verbais, físicas e, principalmente, cinestésicas –, para que a locomoção possa ser segura para ambos. Já a pessoa cega deve saber como receber, interpretar e responder as informações oferecidas pelo guia, para que possa ter a autonomia necessária para o deslocamento, sendo assim um membro ativo da locomoção e responsável pela sua própria segurança (FELIPPE; FELIPPE, 1997; MACIEL, 1988; 2003; MELO, 1991).

O terceiro grupo é o de técnicas com a bengala, que é caracterizado pelo uso da bengala durante o deslocamento. Para executar tais técnicas, além de a pessoa cega conhecer as partes que compõe a bengala, é preciso que a pessoa cega saiba como manuseá-la de acordo com cada situação e saiba utilizar os movimentos corretamente, a fim de que o deslocamento seja de fato seguro, tanto em ambientes internos quanto em ambientes externos (BRUNO; MOTA, 2001; GIACOMINI; SARTORETO; BERSCH, 2010).

O fato é que o ensino e treinamento destas técnicas não são tão simples e frios quanto parecem. Para que a pessoa cega possa se locomover com naturalidade, segurança, orientação e autonomia nos diferentes ambientes, é preciso que além de saber como executar cada uma das técnicas corretamente, a pessoa tenha conhecimento e domínio das diferentes habilidades, capacidades e competências motoras, físicas sensoriais e perceptivas (FELIPPE, 2001; FELIPPE; FELIPPE, 1997; GARCIA, 2003; GIACOMINI; SARTORETO; BERSCH, 2010; ORBOLATO, 2018).

Nesse sentido, é fundamental que a pessoa cega conheça o próprio corpo e os possíveis movimentos a serem realizados, esteja apropriada de conceitos relacionados à orientação espaço-temporal e lateralidade, saiba enquadrar o corpo, possua ritmo, postura, força, coordenação, equilíbrio e saiba utilizar os sentidos remanescentes para posição e localização.

Ou seja, para possuir uma locomoção independente é preciso que além de saber captar e interpretar as informações do meio, a pessoa saiba também responder às informações de maneira segura, natural, orientada e autônoma nas mais diferentes situações e ambientes (OBOLATO, 2018).

Embora aprender as técnicas de Orientação e Mobilidade seja fundamental, o ensino específico de cada uma delas deve ocorrer somente posterior à conquista da maturidade motora e locomotora.

Partindo desse pressuposto, como professores podem contribuir para a conquista da locomoção independente de crianças cegas nos anos iniciais? Esse é um questionamento realizado constantemente, visto que a maioria dos professores que atua nas etapas iniciais escolares não possui formação em Orientações e Mobilidade e, muitas vezes, desconhece a existência das técnicas que estes programas propõem.

Objetivo

Descrever como a locomoção independente de alunos cegos é compreendida por professores dos anos iniciais.

Método

Este relato de experiência possui caráter descritivo e foi baseado a partir da participação dos autores em uma disciplina ministrada para os professores do Ensino Infantil, do Ensino Fundamental I e do Atendimento Educacional Especializado de um município do interior do estado do São Paulo no curso “Deficiência Visual e Acessibilidade”.

A disciplina teve como título “Orientação e Mobilidade no contexto escolar” e teve a duração de cinco horas. A disciplina foi dividida em dois encontros. Cada encontro teve a duração de 2h30 e ocorreu de forma síncrona por meio da plataforma *Google Meet*. 37 professores participaram desta disciplina.

O primeiro encontro teve como tema “Orientação e Mobilidade e a sua importância para a locomoção de alunos cegos”. Neste dia, foram tratados assuntos tais como: 1) o que é orientação, mobilidade e como elas contribuem para dia a dia; 2) a importância da visão para captação e interpretação das informações do meio; 3) como essa captação e interpretação das informações do meio ocorrem para pessoas que não possuem o sentido visual; 4) as características da locomoção independente; 5) os programas de Orientação e Mobilidade e seus benefícios na vida das pessoas cegas; 6) as técnicas de Orientação e Mobilidade mais utilizadas nacionalmente; e, 7) orientações de como contribuir para que a locomoção de crianças cegas possa ser a mais segura possível nos ambientes escolares.

O segundo encontro teve como tema “A importância da estimulação perceptomotora para o desenvolvimento de alunos cegos”. Nesse encontro, os assuntos que permearam foram: 1) o que é, qual a importância e como oferecer uma estimulação adequada às crianças cegas; 2) a importância da rede colaborativa; 3) o que é capacidade física e habilidade motora; 4) exemplos de atividades inclusivas; 5) a diferença entre estímulo sensorial e perceptivo; 6) mapa mental e memória motora; e, 7) dicas de adaptações de recursos, estratégias e seleção de ambientes.

Durante a realização dos encontros foram realizados diálogos importantes acerca de cada um desses assuntos, relacionando-os à realidade de cada professor. Dessa forma, os resultados se basearam nos diálogos estabelecidos durante os dois encontros desta disciplina.

Resultados e Discussão

Por meio das discussões durante os encontros foi identificado que muitos dos professores não haviam sido apresentados à temática de Orientação e Mobilidade, ou seja, não sabiam do que se tratava, quais eram os conteúdos a serem ministrados nesses atendimentos ou ainda, como esses atendimentos ocorriam na prática. O fato é que pela escassez de experiência com alunos cegos, parte dos professores relatou não sentir a necessidade de entender melhor sobre esse universo.

Nesse sentido, os encontros foram baseados na conceituação dos termos e da importância deles para que as pessoas cegas possam se locomover com autonomia, naturalidade, orientação e, consequentemente, independência.

Em se tratando das estratégias de locomoção, os professores relataram que o uso da bengala e do guia vidente poderiam ser as principais a serem ensinadas às pessoas cegas. Para eles, o ensino dessas técnicas aparentava ser algo simples e fácil e, por isso, não necessitava ter um conhecimento específico ou embasamento teórico. Para eles, ajudar o aluno cego a se locomover era algo empírico, natural e simples.

Considerando os relatos apresentados, foi preciso explicar sobre os três grupos de técnicas principais de locomoção: 1) técnicas de autoajuda (ou autoproteção); 2) técnicas com o guia vidente; e, 3) técnicas com a bengala (BRUNO; MOTA, 2001; BUENO, 1988; FELIPPE; FELIPPE, 1997; GIACOMINI, 2008; GIACOMINI; SARTORETO; BERSCH, 2010; MAGALHÃES, 2010). Cada grupo de técnicas foi apresentado separadamente, apresentando também, a importância de cada um dentro do contexto escolar das pessoas cegas.

Foi preciso se fazer entender que ensinar uma pessoa cega a se locomover vai muito além de ela estar com a bengala ou com outra pessoa (OBOLATO, 2018). Ou seja, uma pessoa cega só pode ter a locomoção caracterizada como independente se ela dominar os movimentos do próprio corpo, considerar a segurança física como requisito principal, souber se orientar por meio do uso dos sentidos remanescentes, souber executar as técnicas de Orientação e Mobilidade com naturalidade e ser um membro ativo na locomoção, responsável pelas ações mesmo quando está se locomovendo com uma pessoa vidente (FELIPPE, 2001; FELIPPE; FELIPPE, 1997; GARCIA, 2003; GIACOMINI; SARTORETO; BERSCH, 2010; OBOLATO, 2018).

Outro ponto a ser destacado, foi que embora os professores compreendessem o que é a Estimulação Perceptomotora, demonstraram não conseguir estabelecer relações entre a importância dela e a locomoção independente de alunos cegos, sendo esse um dos focos dos encontros.

Em decorrência de as técnicas de Orientação e Mobilidade serem específicas, seu ensino deve iniciar a partir do momento em que a criança possui controle e domínio motor, perceptivo, sensorial e físico, além de possuir equilíbrio, coordenação, postura e ritmo (MACIEL, 1988; 2003). Sendo assim, por não possuírem esses requisitos, crianças muito novas não devem iniciar esses atendimentos.

Isso não quer dizer que por não ensinar como executar as técnicas de Orientação e Mobilidade, propriamente ditas, que a criança cega deve ficar à mercê do conhecimento. Significa que durante esse período professores e profissionais que atuam nos anos iniciais devem trabalhar com base na Estimulação Perceptomotora, ou seja, com a estimulação das diferentes capacidades, habilidades e competências físicas,

sensoriais, perceptivas e motoras que influenciam diretamente no desenvolvimento da criança cega, que, por sua vez, favorecerão diretamente no futuro aprendizado, treinamento e uso das técnicas de Orientação e Mobilidade (GIACOMINI; SARTORETO; BERSCH, 2010).

Referente às orientações oferecidas de como agir com o aluno cego, a fim de contribuir para a locomoção mais natural, autônoma, segura e orientada, foi percebido que os professores não tinham conhecimento sobre a maioria delas. Para parte dos professores, ensinar pessoas cegas a se locomover era algo simples e rápido e que não demandava tantos cuidados e/ou capacitação.

Pensamento esse, que por sua vez, é incorreto e precisou ser discutido. Ao atuar junto a alunos cegos é preciso que alguns cuidados no que tange à locomoção dessas pessoas, a fim que seja oferecida a maior segurança possível (FELIPPE, 2001; FELIPPE; FELIPPE, 1997; ORBOLATO, 2018). Para isso, algumas ações que devem ser consideradas, analisadas e corrigidas, se necessário, foram indicadas aos professores, tais como: 1) o posicionamento e distância das mãos ao proteger a face, o tórax e a área genital; 2) o direcionamento e o alinhamento do corpo; 3) o oferecimento de instruções verbais e físicas; 4) a forma correta para realizar as passadas; 5) o posicionamento com o guia; 6) a empunhadura, a posição e o tamanho da bengala; 7) a coordenação para o toque da bengala; 8) a postura; e, 9) o ritmo.

Foi explicado aos professores que, para toda e qualquer ação locomotora de alunos cegos, existe uma técnica que poderá oferecer maior segurança física. Desse modo, é incabível pensar que, para ser independente, é preciso somente estar com a bengala ou com um guia. Se a pessoa – e o guia, no caso de técnicas como guia vidente – não souber o que fazer ou como agir diante dos diferentes tipos de ambientes e situações, a locomoção além de insegura pode se tornar dependente (ORBOLATO, 2018).

Por fim, foram oferecidos modelos de atividades com base na estimulação perceptomotora e com foco na locomoção independente. Nesse momento o destaque foi para a adaptação dos recursos, das estratégias e seleção dos ambientes que favorecessem a realização e participação efetiva de alunos cegos.

Além disso, foram oferecidas alternativas que poderiam contribuir para o planejamento de aulas tornando-as, de fato, inclusivas aos alunos cegos, tais como: 1) conhecer as características motoras, físicas, sensoriais e perceptivas do aluno; 2) conhecer as características da deficiência apresentada; 3) entender o contexto social do aluno; 4) entender que adaptações devem ser realizadas constantemente de acordo com o que o aluno vai apresentando no dia a dia; e, 5) entender que o aluno cego pode realizar qualquer ação, desde que seja bem orientado e a atividade seja bem planejada – considerando as adaptações necessárias.

Conclusão

Relacionar os assuntos às experiências vivenciadas pelos pesquisadores e professores, permitiu que o olhar sobre a importância da Orientação e Mobilidade e da Estimulação Perceptomotora para a conquista da locomoção independente de alunos cegos ocorresse de maneira mais clara e contextualizada.

Debater, conversar e expor as angústias e anseios presentes permitiu que houvesse uma discussão mais aprofundada no que tange a atuação do professor dos anos iniciais, levando-os à reflexão da prática e do planejamento das atividades escolares.

Embora o ensino e treinamento das técnicas de Orientação e Mobilidade não sejam iniciados na infância, é preciso que os professores dos anos iniciais tenham conhecimento sobre a importância deles para locomoção das pessoas cegas, a fim de que possam realizar um planejamento mais direcionado à

conquista da locomoção independente.

Entender que por meio da estimulação perceptomotora a criança poderá, de maneira natural, orientar-se com maior presteza, organizar-se espacial e lateralmente em relação aos objetos, pessoas e estruturas, conhecer o próprio corpo e todos os possíveis movimentos, manter-se mais equilibrada, com postura e coordenação e que esse rol de benefícios favorece diretamente no aprendizado, treinamento e uso das técnicas de Orientação e Mobilidade não é algo que se aprende nas formações iniciais ou continuadas.

Por esse motivo, o oferecimento de formações deve ser constante, para que os professores possam atualizar seus conhecimentos e, assim, melhorar a sua prática.

Referências

- BRUNO, Marilda Moraes Garcia; MOTA, Maria Glória Batista da. **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: deficiência visual**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2001. Disponível em: <http://migre.me/w7aFX>. Acesso em: 13 nov. 2021.
- BUENO, Gracimar Alvares. **Teste da eficiência de um manual para treino de orientação e mobilidade de cegos**, 1988. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- FELIPPE, João Álvaro de Moraes. **Caminhando juntos: manual das habilidades básicas de orientação e mobilidade**. São Paulo: Laramara, 2001.
- FELIPPE, João Álvaro de Moraes; FELIPPE, Vera Lucia Rhein. **Orientação e mobilidade**. São Paulo: Laramara - Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, 1997.
- GARCIA, Nely. Como desenvolver programas de orientação e mobilidade para pessoas com deficiência visual. In: MACHADO, E. V. et al. (org.). **Orientação e mobilidade: conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual**. Brasília, DF: MEC, SEESP, 2003. p. 67-120. Disponível em: <http://migre.me/w7aGH>. Acesso em: 22 nov. 2021.
- GIACOMINI, L. **Análise de um programa: “passo a passo” orientação e mobilidade para pessoas surdocegas**, 2008. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://migre.me/w7aCu>. Acesso em: 29 out. 2021
- GIACOMINI, Lilia; SARTORETTO, Mara Lúcia; BERSCH, Rita de Cássia Reckziegel. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: orientação e mobilidade, adequação postural e acessibilidade espacial**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2010. Disponível em: <http://migre.me/w7aEn>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- MAGALHÃES, A. T. **Orientação e mobilidade: estudo sobre equilíbrio e estratégias de locomoção utilizadas pelo professor**, 2010. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://migre.me/w7aDmy>. Acesso em: 24 nov. 2021.
- MACIEL, Syllas Fernandes. **Manual de orientação e mobilidade: subsídios para o ensino das técnicas de locomotividade ao deficiente visual**. Belo Horizonte: Convenio See - Mg/fafi-bh, 1988.
- MACIEL, Syllas Fernandes. **Manual de orientação e mobilidade: o “ir e vir” do deficiente visual**. São Paulo: CMDV - Portal do Deficiente Visual, 2003. Disponível em: <http://migre.me/w7aDL>. Acesso em: 17 jan. 2016.
- MELO, Helena Flávio. **Deficiência visual: lições práticas de orientação e mobilidade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

NOVI, Rosa Maria. **Orientação e mobilidade para deficientes visuais:** “o sol que faltava em minha vida”. Londrina: Cotação da Construção, 1996.

ORBOLATO, Loiane Maria Zengo. **Treinamento e avaliação de técnicas de orientação e mobilidade em ambientes escolares**, 2018 . Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2W4DpU6> Acesso em: 20 nov. 2021.

Apoio: FAPESP